

MARINA DOS REIS

**E**rram formigueiras  
pétalas, gramíneas, grão  
Indecisas folhas

Venta, venta sempre  
uma janela entreaberta  
arrepia o corpo

Desejo e suplício  
Vibra a asa da cigarra  
Corta o céu gemidos

Línguas de verão  
em cílios umedecidos  
No ar, maripousam

Mamangava rói  
Matriz do voo pesado  
Manhãs de verão

Sonolento olho  
tudo que vi em mim dói  
esbarra na luz

Tonta, pés unidos  
à caça de borboletas  
cinco sete cinco

Aurora remédio  
Em noites que o pranto some  
Quase a boca de ontem

Dobrada anilina  
entre as folhas corriqueiras  
a tempestade soprada

sinto a pele velha  
a alma já desfocada  
rugas!, dir-me-ão

dois homens conversam  
abaixados no hidrante  
Transtorno vermelho

uniforme Cinza  
repousa nos degraus só  
limpeza Calada

corrimão-corrente  
num abraço amarelo  
movimento nulo

A morte gargalha  
entre a concha e o tecido  
sem pé nem cabeça

Ferida celeste  
Novoaço na cicatriz  
testa no assoalho

Não é do voo inerte  
Mas as asas de Pygargue  
que a tempestade arrancou

Milhares de vermes  
agonia é estar vivo  
olhos no cadáver

Manhãs de terras  
fagulham o ar sujeiras  
Sopro outonal

Exploram a pele  
Patas na morte pousaram  
Espanta a mosca

*O Eu pensa no Eu, mas a multidão diferencial pensa “que lugar é esse?”*

#### SOBRE A AUTORA

Marina dos Reis é mestra em Educação pela UFRGS.